Entre belgas, brasileiros e simpatizantes: etnografia de uma torcida eventual

Oliver Van Sluys Menck

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2455>

DOI: 10.4000/pontourbe.2455

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Oliver Van Sluys Menck, «Entre belgas, brasileiros e simpatizantes: etnografia de uma torcida eventual», *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 21 setembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2455> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2455>

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 setembro 2021.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Entre belgas, brasileiros e simpatizantes: etnografia de uma torcida eventual

Oliver Van Sluys Menck

- 1 Domingo, dia 22 de junho de 2014, 13 horas. Segundo jogo da Bélgica na Copa do Mundo 2014, válido pela primeira fase da competição, contra a Rússia. Fui acompanhar o jogo no bar Belga Corner (um dos dois bares apresentados pelo Consulado Belga em São Paulo, como ponto de encontro dos belgas em São Paulo para acompanhar o jogo). Como o bar era no Itaim (moro no Rio Pequeno), saí de casa por volta das 11h20.
- 2 Para minha sorte, assim que entrei no ônibus, ainda na Corifeu, notei uma mulher loira que conversava em português com forte sotaque. Tímido, escutei um pouco a conversa, ela era belga e estava indo exatamente para “um bar belga no Itaim”, tive quase certeza de que ela faria o mesmo trajeto que eu. Fui falar com ela ao trocarmos de ônibus na Vital Brasil. Assim conheci Greet, uma belga de Gent, que mora há dois anos em São Paulo - próxima à entrada de pedestre “da banca de frutas” - e faz seu pós-doutorado no Instituto de Ciências Biomédicas da USP. Abordei-a perguntando se era belga, “agora não dá pra esconder, né? Você também é?”. Disse que não, que sou terceira geração de belgas no Brasil, mas quase não tenho contato com família “de lá”. Apesar disso, morei em Liège em 2013 e estava a caminho do Belga Corner para torcer pelos “diabos vermelhos” e para (tentar) fazer uma etnografia junto a essa torcida. Acho que ela só prestou atenção no “torcer pelos diabos” e logo me perguntou porque não estava “nem com uma peça de roupa em amarelo, vermelho...?”. Tinha esquecido ao sair de casa, respondi, mas cabe ressaltar que, de fato, uma boa parte da torcida reunida no Belga Corner não veste algo que remeta ao futebol belga. Ao invés disso, usam-se, simplesmente, camisetas que tenham pelo menos uma das cores da bandeira belga.
- 3 Ao meio-dia estávamos no cruzamento da Rebouças com a Faria Lima para pegar um terceiro ônibus que nos levasse até algum lugar próximo ao bar. Greet estava um pouco perdida e nervosa, me disse que não saía muito da região da USP e por isso não conhecia bem São Paulo, “é tudo muito longe, e muito tempo pra chegar”. A diferente percepção do

espaço e do tempo (sobretudo o gasto com deslocamento) é diretamente ligada à gigantesca cidade de São Paulo e ao pequeno país que é a Bélgica. Sugeri que fossemos a pé. Recusei essa opção, logo passaria um ônibus que nos deixaria a 500 metros do bar, no início da 9 de Julho. O ônibus chegou e entramos nele. Ela ria de seu nervosismo e me disse que não se acostumaria nunca com as distâncias em São Paulo, que se não demorasse 5 minutos andando até o ICB trabalharia em casa. Ao descermos do ônibus, reparou em meu caderno e me perguntou “porque você trouxe um caderno pra ver um jogo de futebol?”. Repeti o que havia dito sobre a etnografia, o que arrancou risos dela e um comentário irônico, como se lesse minhas anotações: “Foi gol. Os belgas gritaram. Eles cantam”. Ri também “é mais ou menos isso, mas com um pouco mais de atenção... e detalhes”. Contei que durante o ano que morei em Liège estive realizando um trabalho de pesquisa parecido com os Ultras Inferno 96, torcida organizada do Standard de Liège, e que isso me familiarizara um pouco com a(s) forma(s) de torcer na Bélgica.

- 4 Ao chegarmos ao bar, passou por nós um carro bastante chamativo. Decorado para a Copa do Mundo, as calotas estavam pintadas de verde e amarelo neon e os retrovisores e janelas tinham bandeirinhas do Brasil, o capô do carro, por sua vez, vestia uma enorme bandeira belga. Greet: “É de uma amiga minha, belga, Silvie. Já vi o carro em Mogi, fomos lá pra ver um treino [da seleção belga]”. Em frente ao bar, ela me apresenta a quatro amigos seus que me cumprimentam em flamengo achando que sou belga. Sem entender nada, me apresento em português. Greet adiciona que sou descendente de belgas, que morei em Liège. “Você fala 'liégeois', então?” me pergunta Peter repetindo uma piada comum sobre o forte sotaque da região onde morei, todos riem. Como o jogo ia começar logo, as equipes entravam em campo, entramos nós também, no bar. Eles tinham uma mesa grande reservada e me chamaram para assistir junto deles, embora o bar não tivesse mais cadeiras.
- 5 Instalados à mesa e acompanhando a transmissão da Rede Globo, começou a tocar o hino belga em flamengo. Enquanto uma parte da mesa cantava de forma entusiasmada em flamengo (essa parte era majoritariamente masculina, as poucas mulheres que acompanhavam demonstravam nítida timidez, se entreolhando como se temessem fazer muito barulho), três moças cantarolavam qualquer coisa em qualquer ritmo rindo entre si. Eram a mulher e a filha de Peter, com uma amiga delas, as três não falavam (ao menos naquele momento) nenhuma das línguas oficiais da Bélgica e se divertiam com esse pertencimento um pouco distanciado à torcida belga. Esse humor era bem aceito e não era hostil, longe disso, elas compunham a torcida de forma irreverente. Tanto compunham que acompanharam as palmas entusiasmadas para duas figuras que apareceram no telão. Greet fez questão de virar para mim, excitada, e explicar: “são o rei e a 'reina’”.
- 6 A monarquia não é pouca coisa na Bélgica, nem no Belga Corner. Não somente a coroa belga está no tampo do bar e no uniforme dos trabalhadores como a sinalização do banheiro masculino e feminino é feita com fotos (de gala, provavelmente divulgadas por veículos oficiais), respectivamente, do rei e da rainha. Outra referência era feita na decoração interna do bar, uma bandeira belga erguida na parede com o perfil do atual rei e de seu pai sobrepostos em amarelo e vermelho no terço preto da bandeira; já no terço amarelo (o central na bandeira) há um brasão cujo topo é a coroa belga e no meio lê-se “Albert II / Filip” sobre a data 21 – 07 – 2013. Esta data é a de uma festa anual, a festa da Bélgica, e neste ano de 2013 foi o dia escolhido por Albert II para abdicar de seu trono em nome de seu filho alegando incapacidade de seguir na função devido à sua idade

avançada; esta atitude foi, na época, razão de certa comoção nacionalista no pequeno país.

- 7 Quanto ao resto da decoração, o bar segue uma estética “sóbria” recorrente em bairros abastados da cidade, como o Itaim. Paredes de tijolo, piso, mesas, cadeiras e balcão de madeira. A decoração colocada para acompanhar a Copa do Mundo fazia referência à Bélgica e ao Brasil. Pequenas bandeiras destes dois países estavam dispostas como bandeiras de festa junina. Ainda havia a decoração permanente do bar, estantes com garrafas de cerveja, com alguns livros e quadros e com letras de madeira onde podíamos ler “Belga Corner”. Havia três pequenas estátuas de anões de aproximadamente 50 centímetros nas cores da bandeira belga, um dos símbolos recorrentes no turismo da cidade de Bruxelas.
- 8 A organização do bar parecia a mesma de dias normais. As mesas, tanto no primeiro quanto no segundo andar, não tinham sido retiradas para o jogo, pelo contrário deveriam ser reservadas caso quisesse se sentar (felizmente, o grupo que eu acompanhava havia feito a reserva pois são clientes fiéis da casa). Do lado de fora, em uma pequena varanda no térreo e na calçada, um grupo de 30 clientes aproveitava que havia mais espaço, menos barulho e permissão para fumar. A única modificação aparente na disposição do espaço do bar (além dos telões) era que a varanda “dos fundos” (atrás do telão do térreo) ao lado dos banheiros estava inutilizada contando com duas melancólicas mesas vazias e uma bandeira do Brasil pendurada na parede.
- 9 O jogo começou e o pessoal da mesa de trás me pediu para sair dali, pois impedia a visão deles. Mudei de lugar e me agachei perto de Peter para conversar e acompanhar o que conseguisse do jogo no telão. Peter Puyneers é um belga de Tienen que mora no Brasil há 20 anos. Casado com uma brasileira, tem uma filha de 17 anos e pretende continuar por aqui. Sophie, a filha, não se enxerga de maneira alguma como belga, “nem falo francês, holandês, nada disso! Só 'tô lá no Belgian Club”. Seu pai, no entanto, faz questão de me falar que pensa em “mandar” ela para estudar por um ano na Bélgica, “como você fez”. Ela me olha com uma expressão que parece dizer “não dê ideias” e mudo rapidamente de assunto. Pergunto então sobre o Belgian Club. Trata-se de um clube, “organizado por mim”, diz Peter, que reúne “a colônia belga aqui de São Paulo, você deveria fazer parte. Fazemos festas, encontros, jogamos bola, bebemos cerveja, torcemos pros diabos... e somos simpáticos”. Após essa apresentação, ele ri bastante.

- 10 Nesse momento, Greet me convida para ficar ao seu lado e acompanhar em pé o jogo, com visão melhor para o telão. Pulando algumas cadeiras, fico ao lado dela, espremido entre três cadeiras e a parede. O bar está bem mais cheio que no jogo anterior (uma terça-feira), embora não tenha subido para ver como estava o andar superior, somente no andar de baixo já havia umas 100 pessoas (entre o espaço interior e o exterior). Fora isso, a diferença era que instalavam uma televisão na varanda em frente ao bar para que pudessem acompanhar o jogo da varanda e da calçada.
- 11 Como a televisão estivesse sendo instalada durante o jogo, Sara, uma brasileira que morara três anos na Bélgica, reclamou do barulho da furadeira. Greet, ao seu lado, ri e diz “já são muito brasileiros aqui”. Sara é uma brasileira simpática e barulhenta, bastante animada em seu torcer individual, não torcia coletivamente deixando sua voz morrer quando mais pessoas começavam a cantar e não participando nunca de cantos “de tribuna”, chamados no segundo tempo. Nos momentos mais mornos do jogo, onde quase todos calavam, era ela quem fazia barulho, puxava cantos “simples e quase intuitivos” (como: “Va-í! Va-í!”, “Mais um! Mais um!”, “Olê-olê-olê-oláááááá Bélgicaaaaa Bélgicaaaa”), e reiteradamente reclamava “ninguém canta aqui. Vamos lá, gente!”. Outra coisa me chamou atenção em Sara: ela utilizava várias expressões em francês mesmo no meio de uma conversa em português com pessoas que não falam essa língua. Confesso que achei esse vício de linguagem um pouco pedante.
- 12 Ainda durante o primeiro tempo, em lance perigoso da seleção belga, me empolguei, como quase todo mundo no bar. E, vendo minha reação, Greet diz: “Dá pra ver que sua torcida é sincera, bem de coração”. Essa assertiva me causou bastante prazer, embora eu estivesse me desviando um pouco da observação etnográfica que estava fazendo. Respondo que tem a ver com “sempre ter gostado de futebol, sempre ter ido ao estádio”, o que é uma meia verdade. Prestando atenção na torcida em geral do bar, percebo que a maioria é composta por brasileiros (que também são os que faziam mais barulho, nesse momento em que, jogo empatado em 0 x 0, a torcida está mais ligada à expectativa criada por lances de jogo). No grupo em que me encontrava, éramos umas 20 pessoas, das quais 4 belgas e o resto brasileiros agregados ao grupo mas sem ter nada a ver com a Bélgica e sem nunca ter conhecido o grupo, como um casal de amigos brasileiros trazidos por Eliana, uma brasileira, para conhecer o bar. Éramos, a maioria, torcedores ocasionais, talvez por isso a falta de adereços que remetessem diretamente ao futebol belga.
- 13 Aos 30 minutos do primeiro tempo, vi pela primeira vez Marina e Helena, amigas minhas que moraram em Liège também durante 2013. Elas faziam sinais para chamar minha atenção para o outro lado do bar. Chamaram-me para dar uma pequena entrevista e aparecer na TV. Um pouco desinteressado, convido Greet que está ao meu lado, mas ela também nega o convite, “vim pra ver o jogo”. Quando termina o primeiro tempo, vou para fora encontrar essas duas amigas e ver se converso com outras pessoas.
- 14 Acabei conversando com elas e com duas pessoas que já havia conhecido. Um belga, Tjobbe, que há alguns anos já conhece o Brasil. É a terceira vez que vem pra cá, “dessa vez é para ficar”. Já havia vindo fazer um intercâmbio, uma segunda vez para estudar e, como começara a namorar, veio essa terceira vez para se casar e por aqui ficar, plano que funcionava até então. Contei que havíamos morado em Liège, o que o fez torcer o nariz (vinha da região de Charleroi, cidade vizinha que cultivava uma certa inimizade com Liège, inimizade expressa também no futebol) e se virar para conversar com o grupo que o acompanhava. Além disso, conversei também com Helena e Marina e com uma terceira mulher, também brasileira, namorada um belga, e que por isso estava lá. Elas falavam

sobre se mudar para o exterior, “muito melhor do que aqui”, segundo Marina e Fabíola. Helena e eu discordávamos. De fora, víamos a janela do segundo andar onde, de tempos em tempos, apareciam dois homens loiros que cantavam para seus amigos, que tinham saído para fumar, em flamengo. Tentei filmar e fotografar, mas não consegui, na foto abaixo vemos uma bandeira vermelha terminando de voltar para dentro do bar. Marina me contou que eram um grupo superanimado de belgas que vieram só para ver a Copa, “você TEM que falar com eles”.

- 15 O segundo tempo começou e eu voltei para dentro do bar para ver o restante do jogo. A mesa estava bastante animada, o marido (belga) de Sara havia aparecido no telão. Ela também tinha ingresso, mas havia passado para um amigo ir junto do marido. Preferia ver o jogo “com as meninas” no bar : falando apontou para Greet, Eliana e uma amiga dela, turca, que visitava o Brasil (a maioria dos presentes à mesa também eram mulheres). Nesse momento, Peter e os outros belgas conhecidos do grupo, acompanhavam o jogo do balcão conversando entre si em flamengo. Perguntei sobre como estavam acompanhando a Copa. Alguns membros do Belgian Club haviam conseguido ingressos para todos os jogos da Bélgica, mas a maioria acompanharia do bar e iriam ao estádio somente no jogo contra a Coreia do Sul no Itaquerão (a maioria já tinha seus ingressos garantidos, outros esperavam e alguns poucos nem havia tentado).

- 16 A seleção belga voltou melhor para o segundo tempo, a animação do grupo do andar de cima aumentava e contagiava o bar inteiro. Como algumas pessoas tinham se sentado, impedindo-me de voltar para onde estava antes, fiquei no balcão ao lado da mesa em que antes me encontrava. Saindo dos cantos em português, o grupo de Peter começou a puxar uma variação em inglês: “Olê-olê-olê-olêêêê, Belgiuuuuuum Belgiuuuum”. Sophie e sua mãe, para zombar de Peter, tentaram sem sucesso sobrepor o canto em português, meio esparrado (sic), “olê-olê-oláááááá, Bélgicaaaaa, Bélgicaaaa”.
- 17 Um rapaz acompanhava os cantos em inglês e mostrava nítido nervosismo tentando pedir alguma coisa no bar. Puxei conversa em francês, tentando ajudá-lo. Chamava-se Pierre e vinha de Chimay (“como a cerveja”) e ficaria no Brasil por três meses, por isso o fraco português. Estava acompanhando o jogo com uma espanhola e um chileno que trabalhavam com ele. Fazia 20 minutos que tentava pedir três Jupilers e um suco de laranja, mas não conseguia nem chamar a atenção de alguém no bar. Reclamava da demora, relacionando-a diretamente à “bagunça brasileira”. Em 5 minutos, falei com o barman e resolvi o problema; longe da “bagunça brasileira” tratava-se de um simples problema de comunicação, pois não havia uma língua comum na qual se expressar, lembrei-o ainda de uma “bagunça de bares”, “em Liège, no Carré [bairro boêmio da cidade] é a mesma coisa”. Ele riu sem insistir.
- 18 No balcão, aproveitei para observar o cardápio do bar que estava restrito devido ao jogo e a grande quantidade de pessoas que aí se encontravam. Acompanhando o clima excepcional de encontro e comemoração, vendiam-se somente pratos e bebidas “típicos” da Bélgica e do Brasil. Para comer, todas as opções giravam em torno de 25 reais e podíamos escolher entre diferentes pastéis ou “pittas” (sanduíche no pão árabe com a mesma carne do churrasco grego, comida que atualmente se populariza na Bélgica como opção barata de lanche, é tida como algo que foi “trazido” nas últimas décadas pela imigração árabe para esse país) ou ainda uma porção de fritas com maionese (opção de lanche sempre ligada à nacionalidade belga). Para beber, além de água, suco e refrigerante (aos quais não prestei muita atenção), havia cerveja belga, brasileira e da casa. Para efeito de comparação com outros lugares, a garrafa das cervejas brasileiras (seja Brahma ou Original) custava 8 reais, já as cervejas belgas custavam por volta de 20 reais a garrafa de 330ml. A exceção das cervejas belgas era a Jupiler, marca que patrocina

a seleção belga e a primeira divisão do campeonato belga de futebol (Jupiler Pro-League); a marca busca assim se associar a um futebol popular, de maneira um tanto machista (seu *slogan* é “Jupiler: os homens sabem porquê”). Esta é, na Bélgica, uma “cerveja de base” mais barata e popular, é para ser consumida em quantidade e sem grande cerimônia. Normalmente, não é vendida no Belga Corner, foi trazido um carregamento especialmente para a Copa do Mundo. Era de longe a cerveja mais vendida, ao preço de 8 reais a latinha de 330ml.

- 19 Com latinhas na mão e mudando para um assunto mais agradável, continuei conversando com Pierre, ele me disse que torcia para o Anderlecht, hoje o arquirrival do Standard de Liège (o time que adotei na Bélgica). Aproveitei então para experimentar e puxei uma música em flamengo, que acreditava ser própria ao Standard, “Waar is het feest? Heer is het feest!”. Para minha surpresa todos acompanharam... O canto continuou por algum tempo e logo mudou: “Tous ensemble! Tous ensemble! Eh-Eh!”. Eu também acreditava que este canto era do Standard, tanto mais que este canto está inserido no novo hino que o clube lançou em 2009 após o bicampeonato da Jupiler Pro-League (primeira divisão belga).
- 20 Nessa crença, ignorei, entretanto, que a dinâmica de cantos na Bélgica é fundamentalmente diferente da dinâmica aqui no Brasil, ignorei, por exemplo, que já tinha escutado, e estranhado, o refrão onomatopeico desse hino (“Eio-Póporeeeio! Pó-po-pó, pó-po-re-e-io!”) em jogos da seleção belga. Na ocasião em que ouvi esse trecho em um jogo da seleção, perguntei para alguns amigos se eram todos torcedores do Standard no estádio e me responderam que essa música havia ultrapassado em muito as barreiras clubísticas da Bélgica e havia sido sucesso nos clubes noturnos do país. Ao perguntar a Pierre, “Porque vocês estão todos cantando músicas do Standard?!” ele simplesmente me respondeu: “São músicas dos diabos! Não do Standard”. Esses cantos “de tribuna” tomaram conta do bar nos últimos 15 minutos de jogo, após o gol belga. O jogo acabou com a vitória belga, Pierre me pediu para tirar uma foto dele com seus amigos e aproveitei para tirar uma minha com eles também. Olhando a foto agora, percebo dois belgas que estavam “na mesa de trás” e que aproveitaram para aparecer.

- 21 Fui ao banheiro e tive um desagradável encontro com uma brasileira. Ao entrar na fila do banheiro, a moça me parabenizou por ser “belga, mas não furar fila”. Fui seco, “não sou belga e não suporto esse tipo de colocação”. Ela claramente não esperava essa reação, e, ainda tentando me agradar, disse para um colega que a acompanhava, visivelmente constrangido: “Olha que branquinho, que bonito”. Para não ser mal-educado e evitando conflito, puxei conversa com seu colega sobre o próximo jogo da Bélgica. Logo chegou minha vez e fui ao banheiro sem me direcionar novamente à moça.
- 22 Voltando para a mesa onde estava o grupo ao qual me juntara, sentei-me conversando com Greet e Eliana. Eliana é uma brasileira que se aproximou do Belgian Club por causa de seu ex-marido, um belga com o qual foi casada por 12 anos (estão separados há 2 anos). Ainda assim ela continua frequentando as atividades do grupo, “adoro eles, 'tô sempre junto. Me sinto em casa, são um povo muito acolhedor”. Perguntei se já pensara em ir para lá, mesmo que antes da separação: “Jamais!”. Já Greet admitiu que quer voltar, que veio por um tempo para seu pós-doutoramento, mas que assim que esse termine e tendo uma oportunidade em uma universidade belga, voltará. O jogo terminara já havia meia hora e o grupo ia sair do bar. Após me oferecerem uma última cerveja que havia sobrado, convidaram-me para sair de noite e ir dançar, encontro que acabou não dando certo.
- 23 Fui para a varanda encontrar Marina e Helena. Qual não foi minha surpresa quando encontrei as duas lá fora conversando em francês cada uma com um belga, “do grupo animado lá de cima”, disse Marina. Com um pouco de resistência do rapaz, entrei na conversa de Stéphane e Helena. Ele me disse que veio somente para acompanhar a Copa do Mundo e visitar alguns lugares do Brasil. Ele ficaria três semanas aqui e seu amigo, duas; os roteiros incluíam as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Porto Alegre e Foz do Iguaçu (as três cidades do Sudeste receberam jogos da Bélgica na primeira fase, mas os dois torcedores não estariam *in loco* em nenhuma das ocasiões). A intenção era fazer turismo, acompanhando a festa da Copa do Mundo sem ir aos jogos. Logo fomos embora tendo trocado telefones com os dois belgas
-

AUTOR

OLIVER VAN SLUYS MENCK

Estudante de graduação: Bacharelado e Licenciatura em História, FFLCH / USP.
olivervsm@gmail.com